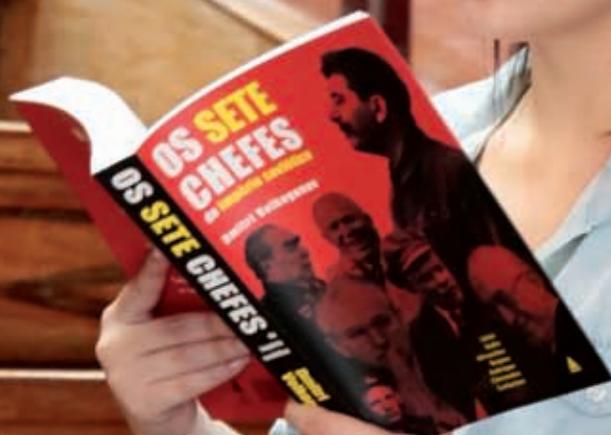


o Prelo

ANO XV - Nº 51 - JULHO DE 2018



CAMINHOS DA LITERATURA

PROJETO MAIS LEITURA ABRE NOVAS LOJAS E MOVIMENTO LITERÁRIO SE EXPANDE NO INTERIOR. PÁG. 16

PÁG.
21

ASTROLOGIA: POSSÍVEL INFLUÊNCIA DO UNIVERSO DIVIDE OPINIÕES

COMPORTAMENTO: CONHEÇA MAIS SOBRE A FILOSOFIA VEGANA

PÁG.
24

Você precisa de um certificado digital. Então, que seja um oficial.

Agende seu horário e receba seu certificado na hora!

A partir de:

Pessoa Física R\$105

Pessoa Jurídica R\$130



Certificado Digital

**Descontos
especiais para:
ME
EPP/MEI
EIRELLI**

Agendamento:

Site: www.ioerj.com.br

Telefone: 0800 28 44 675

Locais de atendimento:

Edifício Menezes Cortes (R. São José, 35 - sala 222) - Centro do Rio

Sede da Imprensa Oficial (Rua Profº Heitor Carrilho, 81) - Niterói





o Prelo

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Luiz Fernando de Souza
GOVERNADOR

Francisco Dornelles
VICE-GOVERNADOR

Sergio Pimentel Borges da Cunha (Interino)
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL
E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO



Neumar Rodrigues da Mota
Diretor-Presidente

José Claudio Cardoso Ururahy
Diretor Administrativo

Nilton Nissin Rechtman
Diretor Financeiro

Luiz Carlos Manso Alves
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

Assessoria de comunicação

Edição:
Fabiana Paiva

Revisão:
Luiz Augusto Erthal e Maria Luisa Barros

Estagiários:
Caroline Cezário
Daniel Almeida
Helen Lugarinho
Larissa Henriques
Marcia Mathias
Matheus Correia
Talita Jeolás

Programação Visual:
Matheus Correia (estagiário)

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

Foto da capa: Daniel Almeida
Agradecimento ao Solar do Jambeiro

Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-5617/ (21) 2717-4682
Endereço eletrônico:
ascop@ioerj.com.br

SUMÁRIO



MÚSICA QUE TRANSFORMA

4 Projeto ensina instrumentos para jovens de comunidades do Rio

ROLLER DERBY

6 Disputado sobre patins, jogo americano majoritariamente feminino conquista cada vez mais esportistas cariocas

SALVOS PELO AMOR

8 ONGs dão novo lar para animais abandonados

SAÚDE NA TERCEIRA IDADE

10 Os benefícios da prática de esportes por idosos

SUPERAÇÃO

12 Conheça a história do jovem manauara Michael Santos



#OPRELOCURTIU

14 Confira as dicas da redação

ENCONTROS LITERÁRIOS

16 Interior ganha livraria popular e ações de incentivo à literatura

CECÍLIA MEIRELES

19 Sala de concertos se reinventa após grande reforma

ASTROLOGIA

21 Será que o universo realmente influencia a vida das pessoas?



VEGANISMO

24 Como é ser vegano? Descubra o cotidiano de quem leva esse estilo de vida

ARTIGO DE ARNALDO NISKIER

27 Reflexão do autor aborda o sistema educacional no Brasil

JOGADORES PROFISSIONAIS

28 Como vive quem tem videogames como uma das fontes de renda

IMIGRAÇÃO JAPONESA

30 Após 110 anos, saiba como são vistos os nipo-brasileiros



CANTOS DO RIO

32 Nesta edição, O Prelo traz registros do Real Gabinete Português de Leitura, que reúne acervo literário histórico no Rio



SOM QUE VEM DO CORAÇÃO

DANIEL ALMEIDA

*Projeto Som+Eu
usa a música para
transformar a
realidade de jovens em
comunidades
do Rio*

Mesmo de longe, quem passa pelas ruas de Campos Elíseos, em Duque de Caxias, consegue ouvir o som que ressoa de uma casinha verde. É de dentro dela que flui a magia do Projeto Som+Eu. Criado em 2011 pela Associação Cultural Amigos da Providência, favela mais antiga do Brasil, a iniciativa tem o objetivo de melhorar as condições sociais e educativas dos alunos, tirando-os de situações de vulnerabilidade social através da música.

Além de estar presente na Baixada Fluminense, o Som+Eu também possui sedes nas comunidades de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio, e Morro da Providência, na Zona Portuária, onde nasceu. Ezequiel Gomes, educador da unidade de Campos Elíseos, destaca a missão do projeto. “Vivemos uma realidade complicada, onde são oferecidas muitas coisas ruins aos jovens. Nossa ferramenta de trabalho é a música, para que através dela os alunos sejam inseridos na sociedade. Ensinamos

respeito, disciplina e o que é viver como um cidadão”.

Todos os instrumentos são disponibilizados pelo próprio projeto, que também conta com oficinas para produzi-los com material reciclável em um ateliê no Morro da Providência. É o caso do “chinelofone”, espécie de xilofone que tem como base canos de PVC e chinelos reutilizados para criar um som similar ao do aparelho tradicional. Dessa união entre música e sustentabilidade surgiu a Orquestra Tubônica.

“A princípio, uma equipe e eu colocamos as mãos na massa para produzir. Já os alunos ajudam na afinação e no preparo dos instrumentos antes das aulas. Em geral, afinamos com um metrônomo virtual em celular e com água”, completa Ezequiel.

Ao todo, são oferecidas oficinas de violino, violoncelo, viola, contrabaixo, violão, cavaquinho, flauta doce e transversal, clarinete, saxofone, trompete, trombone, percussão e técnicas em canto coral, prática



Integrantes da Orquestra Sinfônica Som+Eu durante apresentação

orquestral, percepção e teoria musical. Com essas oficinas, formam-se grupos e orquestras em cada unidade e, ainda, a orquestra oficial do projeto constituída por integrantes de todos os polos, possibilitando apresentações em eventos, empresas, escolas da rede pública e centros culturais.

Valéria Seabra, presidente do Som+Eu, orgulha-se ao falar sobre os resultados do trabalho. “O projeto é a minha vida. Quando você observa que pessoas são transformadas, entendemos que estamos no caminho certo”. E completa: “Os grupos são maravilhosos! Nossa orquestra, então, nem se fala. Enxergar o progresso neles nos impulsiona a buscar ainda mais excelência”.

Entre os alunos estão os jovens Jonathan

Ximenes e Erik Felix, ambos com 17 anos, e Ivson Gouveia, de 20. Jonathan iniciou seus estudos na unidade da Providência e tornou-se monitor de clarinete em Campos Elíseos. Recentemente aceito na Orquestra Juvenil da Petrobras, ele sonha em dar aulas. “Eu conheci o projeto através de amigos em uma igreja, o que me fez aumentar meu ciclo de amizades e conhecer excelentes profissionais. Hoje, pretendo viver disso e fazer Bacharelado em Clarinete. Quero seguir em orquestras e dar aulas, esse é meu foco”, conta.

Para Daniel Fleischer, analista de relações institucionais da Braskem, empresa do ramo petroquímico patrocinadora do projeto, o Som+Eu tem grande função social. “É um

ambiente que trabalha a música e a cultura como forma de melhorar as condições de crianças e adolescentes. O projeto ganhou tanta importância que passou a ser visto de forma muito positiva nas outras regiões de atuação da companhia ao redor do país”. Além da Braskem e outras empresas do setor privado, a iniciativa também conta com o apoio de órgãos públicos e está enquadrada nas Leis de Incentivo à Cultura.

Foi através dos conhecimentos obtidos pelo Som+Eu que Ivson conseguiu entrar para outro grupo musical, ampliando ainda mais seus horizontes. “Já me apresentei na Noruega e na Suécia. Fui muito impulsionado através da orquestra de câmara. O conhecimento do maestro também me motivou muito para que eu buscasse aprender ainda mais sobre a história da música”, comenta.

Monitor das oficinas de violino, Erik destaca o fato de o projeto ir também além da música: “As pessoas nos acolhem e podemos contar uns com os outros na vida pessoal. É como uma segunda casa”, agradece o jovem.



Alunos, professores e gestores na unidade do projeto em Campos Elíseos

SERVIÇO

Projeto Som+Eu

Endereço: Rua Rivadária Corrêa, 188,

Gamboa - Rio de Janeiro

Site: www.sommaiseu.org.br



O objetivo das pontuadoras é ultrapassar o bloqueio o máximo de vezes

As pés do estádio de futebol Nilton Santos, o Engenho, no Engenho de Dentro, Zona Norte do Rio de Janeiro, um grupo de mulheres de patins pratica um esporte nada tradicional: o *roller derby*. O jogo, que surgiu nos Estados Unidos nos anos 30, tem ganhado cada vez mais espaço por aqui. Tanto que o Rio abriga a *Sugar Loathe Roller Derby*, nome com referência ao Pão de Açúcar, que é a única liga carioca de *roller derby* das 11 espalhadas por diversas cidades do país.

Majoritariamente feminino, o esporte requer força, agilidade e rapidez das atletas. O *roller derby* funciona da seguinte maneira: dois times, cada um com cinco integrantes, se enfrentam em uma pista oval. O objetivo é que as pontuadoras, uma em cada equipe, tentem ultrapassar o máximo de vezes o bloqueio formado pela liga adversária. Cada tempo, chamado de *jam*, duram até dois minutos. As partidas são divididas em dois períodos de 30 minutos, chamados de *bouts*, que são compostos pelos *jams*.

Diferentemente de outros esportes, as atletas que praticam o *roller derby* podem ter diferentes tipos físicos, idades e profissões. Os requisitos da modalidade são apenas a vontade de aprender e a de melhorar no jogo. Por ser um esporte de contato, as patinadoras são submetidas a regras severas criadas pela associação americana *Women's Flat Track Derby Association (WFTDA)*. Por isso, elas são obrigadas a usar capacetes, joelheiras, munhequeiras, cotoveleiras e protetores bucais, e só podem utilizar o próprio corpo para impedir que a pontuadora adversária ultrapasse o bloqueio.

Apesar de todas as medidas de segurança, o *roller derby*, como qualquer outro esporte, está sujeito a acidentes. Guinevere Gaspari, que participa da liga há cerca de um ano, se lesionou em seu primeiro mês como *sugar*. Contudo, ela conta que não desistiu do esporte. "Aqui eu aprendi a conhecer mais o meu corpo, a entender que eu tenho um tempo para o meu desenvolvimento. Eu acho que o *derby* ajuda no autoconhecimento em geral e, por isso, não desisto. Apesar de ter medo de me machucar, hoje em dia tenho muito mais segurança", confessa.

A *Sugar Loathe* está se preparando para o campeonato anual de *roller derby*, o Brasileiro. Na edição passada do torneio, que aconteceu em outubro de 2017 em Curitiba, Paraná, as *Candy Crushers*, time das *sugars* formado para competição em torneios, conquistaram o quinto lugar entre as sete equipes participantes.

O ESPORTE SOBRE RODAS QUE GANHA ESPAÇO NO RIO

Sugar Loathe Roller Derby é a única liga carioca da modalidade no Brasil

LARISSA HENRIQUES



Fotos: Larissa Henriques



'Bater, cair e levantar' é o lema seguido pelas *sugars*

Além deste, também existe a Copa do Mundo de *Roller Derby*, que reúne seleções de todo o mundo. A bloqueadora Natália Caruso jogou pela seleção brasileira na última Copa, que aconteceu em Manchester, Inglaterra, entre 1º e 4 de fevereiro deste ano. A esportista acredita que a participação no campeonato foi crucial para a equipe.

"Foi uma experiência incrível que fez com que o nosso time se unisse mais. Deu visibilidade ao esporte e também fez com que a gente aprendesse muito com as meninas da seleção que jogam fora do Brasil", comenta a patinadora.

Integrante da equipe carioca no último Brasileiro, Helena Mayrink destaca o quanto sua rotina mudou após começar a praticar o *derby*, em 2015. Ela conta que, com o passar do tempo, foi ficando cada vez mais imersa na modalidade. "Comecei a trabalhar no treinamento das novatas e a aprender as regras para ser árbitra. Fui me aprofundando mais e mais no esporte. Agora, todo o tempo que não estou trabalhando ou estudando é dedicado ao *derby*. Hoje em dia, ele é uma grande parte da minha vida e provavelmente me sentiria perdida se não o tivesse na minha rotina", finaliza.

"Eu aprendi a conhecer mais o meu corpo, a entender que eu tenho um tempo para o meu desenvolvimento."

SERVIÇO

Facebook Sugar Loathe Roller Derby:
[facebook.com/sugarloathe](https://www.facebook.com/sugarloathe)

Instagram Sugar Loathe Roller Derby:
[@sugarloatherollerderby](https://www.instagram.com/sugarloatherollerderby)

Cristiana Moraes faz sua casa de lar temporário para *pets* abandonados

MARCIA MATHIAS

Os motivos são os mais variados: o nascimento de um filho, aperto no orçamento doméstico, mudança de residência, falta de tempo e de espaço, alergias ou até a perda de interesse. O fato é que existem cerca de 30 milhões de cães e gatos abandonados nas ruas, segundo estimativa da Organização Municipal de Saúde (OMS). Com a chegada das férias escolares, cresce a preocupação dos abrigos e casas de passagem para conseguir acolher tantos *pets* sem lares, deixados para trás por seus donos. O que muitos não sabem é que o abandono de animais é crime ambiental previsto em lei, com multa e pena de detenção de três meses a um ano.

O Brasil é o segundo maior consumidor de produtos *pets* no mundo, movimentando em torno de R\$ 19 bilhões por ano. Neste mercado de cifras bilionárias, há, porém, uma conta que não fecha. De acordo com a Sociedade União Internacional Protetora dos Animais (Suipa), a cada dois animais adotados, outros sete entram no abrigo, vítimas de maus tratos. Atualmente, a instituição mantém quatro mil animais. Para o presidente da associação, Marcelo Mattos, de 55 anos, o número de cães e gatos deixados na Suipa é tão alto que fica cada vez mais difícil tentar ajudar. "Nós sempre recebemos os animais de braços abertos e com muito amor e carinho, mas, com o passar dos anos, a demanda se tornou cada vez maior. Até mesmo os serviços públicos, como bombeiros ou policiais, encaminham bichos resgatados para nós. Mesmo com toda nossa boa vontade, fica difícil dar conta", explica Marcelo.

AMOR QUE SALVA

Conheça alguns dos abrigos e casas de passagens que dão finais felizes a animais abandonados

Além de instituições grandes e de referência como a Suipa, os animaizinhos podem contar com outro tipo de apoio, as chamadas “casa de passagem”. Algumas pessoas atuam de forma independente como protetores de animais, transformando a própria residência em albergue, como é o caso da aposentada Cristina Moraes, de 67 anos. “O primeiro animal que eu resgatei foi aos 14. Com o passar do tempo foi despertando em mim um amor incondicional por eles. É um trabalho árduo, mas me sinto recompensada pelos finais felizes de cada cão e gato encaminhado a um lar”, conta Cristina, ao recordar alguns dos mais de 300 peludos que já passaram pela sua casa. Hoje, ela cuida de 60 bichinhos.

Pessoas como Cristina atuam na causa da proteção animal de forma ativa, buscando adoção e denunciando maus tratos. Como os custos são elevados, os protetores costumam contar com o apoio de veterinários amigos. “Ao longo dos anos, fiz parcerias com três veterinários que atendem de graça ou a um preço acessível. Mas como os horários deles são limitados, em alguns casos de emergência, eu aprendi a prestar os primeiros socorros”, diz Cristina.

Assim como a ajuda de um profissional, doações de ração são sempre muito bem-vindas, mas, infelizmente, algumas pessoas utilizam deste artifício com outra intenção. Marcia Moura, de 59 anos, fundadora do Abrigo São Francisco de Assis, na Taquara, conta que já passou por situações complicadas em relação a falsas doações. “Muitos ligam tentando descobrir o endereço do abrigo, com a desculpa de que querem ajudar, mas, na realidade, a intenção é encontrar um local que cuide de animais para abandoná-los na porta”, conta Marcia.

Além dos custos com higiene e saúde dos animais, a alimentação é uma das partes mais caras do cuidado. A Suipa, por exemplo, tem um consumo diário de mais de uma tonelada de ração. A sobrevivência da instituição se



Cristiane Ferreira levou a filha Thalita para adotarem um cachorro na Suipa

dá através de doações, sócios e colaboradores que auxiliam no pagamento de mais de 140 funcionários. Todas as pessoas que atuam na instituição são contratadas de carteira assinada, com exceção do presidente e diretoria que trabalham de forma voluntária.

O amor é o elemento fundamental para ter um bichinho de estimação. Foi pensando nesse conceito que a ONG Hope foi fundada, alinhando o trabalho com moradores de rua e adoção de animais. O diretor executivo da ONG, Francisco Ancelmo, de 40 anos, explica como funciona o trabalho na instituição. “Estamos apenas dando início ao projeto que pretende qualificar pessoas em situação de rua para cuidar de animais abandonados e, aos

poucos, inseri-las novamente na sociedade”, conta Francisco. Caroline (nome fictício) foi a primeira pessoa em situação de rua a ocupar o espaço onde a Hope atua há mais de três anos. No início, ela cuidava sozinha dos cães e gatos. Hoje, o espaço abriga nove núcleos familiares, onde cerca de 20 pessoas na mesma situação de Caroline se organizam nos cuidados dos animais. No momento, 49 cães aguardam por um novo lar.

“Me sinto recompensada pelos finais felizes de cada cão e gato encaminhados a um lar”

Sejam através de instituições consolidadas, casas de passagens ou iniciativas que estão apenas engatinhando, o importante é conscientizar a todos sobre a posse responsável. Afinal, animais não são brinquedos para serem descartados. Eles precisam de cuidados, alimentação e abrigo ao longo de toda a vida. Cristiane Ferreira, de 35 anos, entendeu a importância da adoção e levou sua filha Thalita, de 7, para buscar seu mais novo amigo na Suipa. “A maioria dos animais abandonados são viralatas. Todos querem cães de raça e esquecem que eles precisam de carinho, cuidado e amor. Quero passar este ensinamento a minha filha desde cedo”, ensina Cristiane, feliz com o novo companheiro.

SERVIÇO

Abrigo São Francisco de Assis
Telefone: (21) 2446-7340

Suipa
Telefone: (21)3297-8775

Hope
E-mail: contato@abrigohope.org



Caroline, da ONG Hope: cuidar dos animais faz parte de ressocialização



QUANDO SE EXERCITAR SE TRANSFORMA EM SANTO REMÉDIO

Projeto Gugu utiliza a dança, a ginástica e o canto coral para resgatar a autoestima de mais de 9 mil idosos em Niterói

CAROLINE CEZÁRIO

Chegar aos 60 anos, junto com a aposentadoria, para muitos pode significar o início de uma vida sedentária, solitária, cercada por doenças e medicamentos. Esse retrato que acomete a grande maioria dos mais de 30,2 milhões de idosos brasileiros não se encaixa no dia a dia de uma animada turma de Niterói. Criado há mais de duas décadas, o Projeto Gugu vem proporcionando bem-estar e qualidade de vida a nove mil idosos do município de Niterói que já passaram pelo programa.

O início das atividades foi modesto e contava apenas com um grupo de 32 senhoras na Praia de Icaraí, Zona Sul da cidade. Em oito meses, o número saltou para 300 alunos. Hoje, 23 anos depois, o projeto atende cerca de 2.400 pessoas diariamente. São 37 núcleos de ginástica, dois de dança de salão e um de canto coral, totalizando 40 polos de atuação distribuídos pelo município.

O projeto foi criado no dia 10 de abril de 1995 pelo médico ortopedista e professor Carlos

Augusto Bittencourt Silva, o Gugu, após ele ministrar uma palestra sobre a terceira idade e como retardar o envelhecimento. Durante a conversa, temas como a importância do exercício físico foram abordados, o que fez surgir interesse em algumas senhoras. Foi então que ele decidiu promover aulas de ginástica ao ar livre para esse público tão carente de atividades a ele direcionadas.

O maior índice de pessoas que buscam participar das programações são mulheres com mais de 60 anos, portadoras de problemas como diabetes, hipertensão ou que perderam entes queridos. Através do 'Gugu', essas pessoas conseguem resgatar o convívio social, a autoestima, melhorar a qualidade de vida e fazer novos amigos. "Tem sempre uma alma caridosa que resgata essas senhoras e as apresentam ao projeto", conta Regina Bittencourt, viúva do fundador e atual representante da iniciativa.

Entre os idosos que fazem parte do grupo estão os aposentados Maria José Pinheiro,

Wilson José Pires e Isa dos Santos, todos com 80 anos. Maria, que também é conhecida como Zezé, se lembra da sua primeira vez no projeto. “Minha dentista me apresentou ao grupo, após uma forte depressão que tive por conta do falecimento da minha mãe de criação. Eu não tinha coragem para fazer nada e ficava deitada o dia inteiro. Até pensava em pular da janela da minha casa. Hoje, consigo fazer amigos, sorrir, brincar e venho ao ‘Gugu’ todos os dias, faça chuva ou faça sol”.

Seu Wilson, que faz parte da iniciativa há 12 anos, já praticava exercícios e entrou para o grupo como parte de um trabalho de reabilitação. “Após ter um AVC (derrame cerebral) que paralisou o lado direito do meu corpo e me impediu de falar por um tempo, iniciei um tratamento fonoaudiológico e terapêutico. Consegui voltar a andar e me exercitar sem dificuldades. Com o fim das dores, parei de tomar remédio”, recorda.

Benefícios percebidos por Seu Wilson são comprovados cientificamente. Praticar atividades físicas com regularidade promove uma melhora na qualidade de vida dos mais velhos, como explica Gustavo Cardoso, especialista em reabilitação de idosos e doutorando em Ciências do Esporte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). “Atividades físicas, como a musculação e a natação, interrompem a perda de massa muscular que ocorre com o tempo, além de melhorar a capacidade aeróbica e funcional do indivíduo”. Segundo o professor de Educação Física, o importante é passar por uma avaliação com um profissional capacitado para que indique a melhor modalidade.

Apesar de ser destinado a pessoas acima



dos 60 anos, o projeto atende todos os públicos. Luiz Roberto Nogueira Saad, secretário Municipal de Idosos de Niterói, destaca a importância da iniciativa. “Niterói possui 86 mil idosos, o que representa 17% da população. É importante integrar essas pessoas e proporcionar exercícios físicos para que elas não entrem no sedentarismo”, afirma.

Hipertensa, dona Isa pratica ginástica há 16 anos e se empolga ao falar sobre o projeto com alegria: “Eu gosto de me movimentar e de conviver socialmente. Praticar exercícios faz minha saúde melhorar e diminui a quantidade de remédios que eu preciso tomar. Sou viúva, mas me casei de novo com o projeto. Sou muito feliz e é isso que importa”, agradece.

Idosas se alongam com disposição, esbanjando alegria

SERVIÇO

Projeto Gugu
Endereço: Rua Santa Rosa, 96 -
Santa Rosa,
Niterói – RJ
Facebook: facebook.com
/projetoGugu

Fotos: Caroline Cezário



Turma do núcleo Largo do Marrão, em Santa Rosa, após manhã agitada de ginástica

Superação. Substantivo feminino que denomina o ato ou o efeito de ultrapassar limites, progredir. Se, no dicionário, é uma palavra que aparece quase nas últimas páginas, na vida de Michael Santos, de 17 anos, ela se fez presente desde o início. Hoje, depois de migrações e moradias impróprias, o menino de olhar tímido e sorriso fácil tem o que tanto sonhou: uma oportunidade, unindo a paixão pela música e a dignidade do primeiro emprego.

Nascido em Manaus, Michael veio para o Rio pela falta de perspectiva de vida que tinha em sua cidade. “Eu não sabia o que faria aqui, mas sabia que seria a melhor chance de conseguir algo além”, recorda. Com isso, decidiu sair da casa da avó para vir morar com sua mãe e irmãos na Baixada Fluminense, em 2015, mas a relação conturbada com a família fez com que Michael fugisse e fosse morar na rua aos 14 anos.

Durante esse período, em uma das noites em que se abrigou em frente a uma agência bancária, o jovem foi abordado por um homem que lhe ofereceu ajuda e o redirecionou ao abrigo Raul Seixas, na Praça da Bandeira. O espaço não foi sua morada final – o jovem reside atualmente no abrigo Dom Helder Câmara, no Rio Comprido – mas serviu de porta de entrada para o sistema que lhe possibilitou estabelecer-se no Rio.

A partir daí, sob a tutela de Luciana Zarur, assessora da 1ª Vara da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), e sob a orientação de Marinalva Magalhães, uma das assistentes sociais da Casa, foi inserido no Projeto Juventude em Ação do mesmo tribunal, realizado em parceria com o Projeto Jovem Alerta, do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). A capacitação aborda temas como comunicação em público, postura profissional, mercado de trabalho, cidadania,

lei de aprendizagem, sexualidade, drogas, dentre outros. Um caminho diferente do que esperava Michael, que não comprou a ideia de primeira, mas mudou de opinião com receio de ficar um longo período sem estudar.

A escolha se provou um acerto e garantiu que Michael continuasse caminhando ao encontro de seus objetivos. “Fiquei muito feliz quando consegui meu certificado de capacitação, porque me dediquei muito. Eu vou batalhar para conquistar meus sonhos e espero que possa ser exemplo para muitos jovens que querem mudar de vida”, afirma.

Hoje, depois de finalizar com excelência sua primeira capacitação, ele é um dos nove jovens contratados pela empresa Seres Serviços de Recrutamento e Seleção de Pessoal para trabalhar na 1ª Vara da Infância na posição de jovem aprendiz, atuando na parte de administração do órgão. Via cota social, o contrato foi possibilitado pela instituição Camp Mangueira, entidade sem fins econômicos, criada em 1988, cujo objetivo é contribuir para a formação sócio-educativa de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social de forma holística, levando em conta suas estruturas familiares e a integração no mercado de trabalho.

Além disso, através da parceria do Banco de Estágios, Cursos e Acompanhamentos (Beca) com a Escola de Música Villa-Lobos, Michael conseguiu uma bolsa de estudos e foi matriculado no curso de canto e violino da instituição. Quanto ao instrumento escolhido, sua relação com o mesmo começou a partir de uma apresentação do grupo “Som + Eu” – projeto social que viabiliza aulas gratuitas de música no Morro da Providência e em Duque de Caxias. Encantado com o formato do violino, foi conversar com um dos músicos para conhecer um pouco mais sobre sua sonoridade.

Essa, entretanto, não é a primeira

UM LUGAR ALÉM DO ARCO-ÍRIS

Acolhido pela Vara da Infância do Rio, jovem manauara realiza sonho de estudar violino

MATHEUS CORREIA



Alessandra Dantas e Marinalva Magalhães, responsáveis pelo Juventude em ação, ao lado de Michael e Luciana Zarur

experiência de Michael com música. Por influência de um tio, tocou atabaque e pandeiro, mas, por falta de prática, acabou esquecendo as técnicas. Quando conseguiu a vaga na Escola Villa-Lobos, apesar de sua paixão e curiosidade pela rabeca, optou por piano, pois não tinha violino para treinar. Sabendo disso, o Beca, que acompanha o desenvolvimento do jovem, mediu a doação do instrumento e possibilitou a troca para a aula que mais interessava ao rapaz. “A música para mim é alegria, é uma forma de expressar o que eu sinto”, destaca Michael, complementando que gosta de, praticamente, todos os estilos musicais, do erudito ao popular.

Quando questionado sobre seus planos para o futuro, o violonista, que também carregou a tocha olímpica nos Jogos realizados no Brasil em 2016, conta que pretende se aperfeiçoar em línguas e manter seu rendimento no projeto, mesmo sem definir qual carreira planeja seguir. “Ainda não penso em ingressar no Ensino Superior, mas me vejo em alguma profissão que, mesmo não tendo foco musical, me permita continuar trabalhando na minha musicalidade, ainda que de forma informal”, diz o jovem que planeja entrar ou formar uma banda. “Acredito que seria legal para construir a minha expressão própria enquanto artista. Tenho interesse no mercado teatral e, caso siga carreira musical, penso

em buscar uma orquestra que me coloque em contato com variadas formas de arte, de um modo mais completo”, finaliza.

Beca – Banco de estágios, cursos e acompanhamentos

Seção da 1ª Vara da Infância e Juventude, o Beca possui parcerias com várias empresas para inserir jovens e adolescentes no mercado de trabalho, na qualidade de jovem aprendiz. Busca formalizar parcerias com instituições para oferecer cursos de qualificação e profissionalização para os jovens do projeto, de abrigos e famílias acolhedoras da área de sua abrangência. Tem por objetivo também retomar os atendimentos para o seguimento de crianças com a oferta de atividades para o contraturno escolar. Atualmente, duas assistentes sociais, que compõem o setor, atendem, encaminham e acompanham os jovens inseridos no Projeto Juventude em Ação, em parceria com o Jovem Alerta, bem como os adolescentes que chegam por demanda espontânea.

SERVIÇO

Endereço: Praça Onze de Julho, 403 -
Centro, Rio de Janeiro - RJ,
Cep.: 20210-010
Horário: Seg à Sex. das 9h às 18h
Telefone: (21) 2503-6300



O violino foi adquirido através de uma doação viabilizada pelo Beca



O Prelo curtiu

Fotos: Divulgação



Museu do Açude

Integrante do grupo Castro Maya, o Museu do Açude é uma antiga propriedade neocolonial localizada no Alto da Boa Vista, Zona Norte do Rio. Lá, os visitantes encontram coleções de azulejaria; painéis franceses, holandeses, espanhóis e portugueses dos séculos XVII ao XIX, além de coleções de arte oriental, artes aplicadas e louça do Porto. O museu se destaca também por seu espaço de instalações permanentes.

SERVIÇO

Estrada do Açude, 764 – Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro

Funcionamento: O museu abre diariamente das 11h às 17h, com exceção das terças-feiras, quando fecha.

Ingresso: Inteira R\$ 6. Às quintas, a entrada é gratuita.

Gastronomia, samba e muita alegria

Idealizada pelo sambista Marquinhos de Oswaldo Cruz, a Feira das Yabás acontece todo segundo domingo do mês na Praça Paulo da Portela, em Madureira. O evento, considerado patrimônio imaterial do Rio de Janeiro, reúne 16 yabás que preparam quitutes afro-brasileiros diferentes. Entre as delícias estão feijoada, rabada, mocotó, aipim com carne seca. Para completar, cada edição traz uma atração musical com muito samba.

SERVIÇO

Endereço: Praça Paulo da Portela, s/nº
Oswaldo Cruz, Madureira

Funcionamento: Todo segundo domingo do mês, a partir das 13h



Galpão Bela Maré

O Bela Maré é um instituto localizado na Favela da Maré. Iniciativa da ONG Observatório de Favelas, sua principal finalidade é contribuir para o processo de democratização da produção e da difusão das artes visuais no Rio de Janeiro através de exposições de artistas renomados ou, como na mostra “Bela verão”, as obras de moradores das periferias cariocas.

SERVIÇO

Rua Bittencourt Sampaio, 169 – Maré, Rio de Janeiro – RJ

Funcionamento: O galpão abre de terça a sábado, das 10h às 17h. Entrada gratuita.

Telefone: (21) 3105-1148

Cultura na Serra

Criada em 2013 pelo artista Cocco Barçante, a Casa de Cultura Cocco Barçante é uma galeria que busca valorizar o trabalho de artesãos fluminenses, alternando entre exposições e vendas dos produtos confeccionados. Além disso, são oferecidas oficinas de estamparia, pintura em tecido, criação em retalhos e bordados. Desde 2014, o espaço também abriga o Museu do Artesanato, que tem como objetivo registrar a tradição e técnicas relevantes do artesanato do estado.

SERVIÇO

Endereço: Rua Coronel Veiga, 1734 - Coronel Veiga - Petrópolis
Telefone: (24) 3111-4944
Funcionamento: Aos sábados, domingos e feriados, das 11h às 17h, ou por agendamento.



Tradição milenar

Único templo budista vietnamita do Brasil, o Centro de Tradições Orientais Lo Han Ssu fica em Petrópolis e foi criado pelo monge Tue Ho. Desde 1982, o espaço oferece aulas de artes marciais, meditação e oração.

SERVIÇO

Endereço: Travessa Professor José Maria de Mello, 184 - Valparaíso, Petrópolis
Telefone: (24) 2237-0153
Facebook: Templo Lo Han Ssu
Site: www.lohanssu.com.br



MACquinho

Com vista privilegiada para o Museu de Arte Contemporânea (MAC), em Niterói, RJ, o "MACquinho", como é conhecido o Módulo de Ação Comunitária, localizado no Morro do Palácio, Zona Sul da cidade, promove projetos culturais voltados para os jovens da região. A instituição apresenta seminários, exposições itinerantes e oferece oficinas de rima e DJ. O Macquinho é a primeira plataforma urbana digital desenvolvida pelo MAC em parceria com a UFF.

SERVIÇO

Endereço: Rua Nair Margem Pereira, 52 - Boa Viagem, Niterói - RJ
Site: www.plataformaurbanadigital01.com/
Facebook: www.facebook.com/macquinho/

Instituto Moreira Sales

O Instituto Moreira Salles é um centro cultural que, além de exposições de fotografia, música, literatura e iconografia, recebe mostras cinematográficas, como o Festival Varilux de Cinema Francês. A partir de setembro, o Instituto vai apresentar exposições do fotógrafo malinês Seydou Keita, que retrata a realidade do seu país, e da fotojornalista italiana Letizia Battaglia, sobre os conflitos com a máfia em Palermo. O IMS do Rio, localizado na antiga casa de Walter Moreira Salles, na Gávea, foi projetado aos moldes da arquitetura moderna e seus jardins foram criados pelo paisagista Roberto Burle Marx.

SERVIÇO

Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 476, Gávea - Rio de Janeiro, RJ
Funcionamento: De terça a domingo e feriados, das 11h às 20h
Entrada gratuita

ENCONTRO MARCADO COM A LITERATURA

Letícia Silva compra livros no Mais Leitura de Bangu

Novas lojas do Mais Leitura e revitalização das academias de letras reaproximam os leitores do interior fluminense

Berço de grandes nomes da literatura Brasileira, como Euclides da Cunha, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, José Cândido de Carvalho e muitos outros, o interior fluminense tem sido palco de movimentos de retorno cultural do Estado do Rio às suas raízes. São encontros de leitores de todas as idades com os livros através de ações como o Projeto Mais Leitura e de reencontros de instituições acadêmicas instaladas há anos em diversos municípios e, agora, revitalizadas com a fundação da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro (Falerj).

Esses velhos faróis literários, que em vários lugares ameaçavam se apagar, uns por carência de recursos, outros por falta de articulação cultural, ganharam novo ânimo com a criação da Falerj. A iniciativa foi tomada nas comemorações do centenário da Academia Fluminense de Letras (AFL), em julho de 2017. De lá para cá, eventos de estímulo à literatura foram realizados em municípios como Campos dos Goytacazes, Teresópolis, Cambuci e Petrópolis.

Enquanto os salões acadêmicos se acendem novamente para preservação da memória literária, outro movimento tem procurado promover a aproximação

da população com os livros. Trata-se do Projeto Mais Leitura, da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, que oferece um extenso catálogo de títulos novos, de grandes autores, com preços de R\$ 2 a R\$ 9.

Criada em 2011, a iniciativa já vendeu seis milhões de livros, facilitando o acesso à literatura a mais de um milhão de cidadãos fluminenses. O projeto mantém lojas no Bangu Shopping, Zona Oeste do Rio de Janeiro, e no Bay Market, em Niterói. A Imprensa Oficial também leva a livraria em sua versão itinerante a vários municípios do Estado. Em breve, a empresa pública vai estender a sua rede de lojas e se estabelecer de forma fixa no interior.

Cliente assídua do Mais Leitura desde a criação do projeto, a estudante Letícia Silva, de 18 anos, começou comprando livros infanto-juvenis, passou pelos de aventura e, em breve, sabe que terá opções para quando entrar na faculdade.

“O Mais Leitura é um presente. Livro é um produto caro e aqui encontramos ótimas opções por preços bem acessíveis. Sei que logo, logo, vou encontrar livros acadêmicos também. Espero que o projeto cresça ainda mais e muitas pessoas tenham acesso a ele”, torce a jovem.

VALENÇA E RIO DAS FLORES TERÃO LIVRARIAS POPULARES

Depois de anos percorrendo os municípios do Rio de Janeiro com sua loja itinerante, o Projeto Mais Leitura vai se fixar de forma permanente no interior. As cidades de Valença e Rio das Flores, na região do Vale do Paraíba, serão as primeiras contempladas com as livrarias populares.

A unidade de Rio das Flores, instalada dentro da Casa de Cultura, no Centro, será inaugurada em agosto. Já a de Valença, que ficará dentro do Mercado Municipal, está em reformas e deve ficar pronta no próximo mês.

Pelo acordo de cooperação, as prefeituras ofereceram os espaços para que a Imprensa Oficial montasse a estrutura com os livros. Em Rio das Flores, o pedido surgiu depois do sucesso que o Mais Leitura Itinerante teve na comemoração do aniversário de 127 anos da cidade, em março.

Atualmente, o projeto da Imprensa Oficial possui um acervo com oito mil títulos dos mais variados gêneros, fruto de parceria com 40 editoras e com o Sindicato Nacional dos Editores de Livros

(Snel). Estão à disposição do público obras infantis, acadêmicas, didáticas, romances, autoajuda, além de clássicos de renomados autores brasileiros. Os títulos para crianças e adolescentes são os mais procurados, com 40% das vendas.

Ciente da importância dos livros na formação educacional, a professora Aline Barbosa, de 39 anos, sempre leva a filha Lívia, de 6, a eventos literários. E, depois de conhecer o Projeto Mais Leitura, procurar novos títulos na loja do Shopping Bay Market entrou para a rotina da família.

“É muito interessante ter acesso a livros de uma forma bem mais barata. Gostaria até que tivessem mais pontos de venda em outros lugares” sugere Aline.

Moradora de Itaboraí, a estudante Gabriella Mota, de 17 anos, encontra no Mais Leitura a chance de comprar uma quantidade maior de obras literárias. Nas visitas que fez, nunca saiu com apenas um.

“O projeto torna a leitura mais acessível porque os livros no mercado em geral são caros para o público de renda mais baixa, como eu. Da última vez que fui, comprei bastante livro lá, mais de cinco”, recorda a cliente da loja de Niterói.



Loja de Rio das Flores ficará dentro da Casa de Cultura

Foto: Caroline Cezário



Lívia escolhe títulos infantis na unidade de Niterói



Em Petrópolis, o presidente da academia local, Gerson do Vale, Márcia Pessanha (ANL), Waldenir de Bragança (AFL) e Jorge Luiz Dodaro (ATL)

EM PROL DO FORTALECIMENTO DE MOVIMENTOS LITERÁRIOS

Fundada em Niterói no dia 22 de julho de 2017, a Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro (Falerj) trouxe novo alento ao movimento literário em muitos municípios fluminenses.

“Já era hora de a Academia Fluminense de Letras, a mais antiga do nosso estado, ajudar a manter acesa a chama da cultura, que não pode se apagar jamais”, recorda Waldenir de Bragança, presidente da AFL.

Entidade civil de caráter cultural sem fins lucrativos, a Falerj tem por objetivos estimular e apoiar as academias de letras e promover o intercâmbio entre elas. A proposta é promover encontros, reuniões, ações e eventos para promover a educação literária.

Ainda no ano passado, o Dia Nacional da Cultura, comemorado em 5 de novembro, marcou a primeira atividade pública da Falerj. Denominada Jornada do Dia Nacional da Cultura e da Língua Portuguesa, o evento teve como anfitriã a Academia Teresopolitana de Letras, presidida por Jorge Luiz Dodaro, e levou escritores de várias cidades a subir a Serra para participar de atividades como palestra sobre as raízes culturais fluminenses.

Outras jornadas se seguiram àquela. A

primeira deste ano foi no dia 24 de março, em Campos dos Goytacazes. O encontro homenageou o campista Nilo Peçanha, ex-presidente da República que se apresentou ao mundo político como uma alternativa fluminense à “política do café com leite” (a alternância no poder entre paulistas e mineiros que dominou praticamente o período da Velha República). Membros de outras instituições campistas, como a Academia Pedralva de Letras e Artes e a seção local da União Brasileira de Trovadores, organizaram um momento literomusical, que se seguiu às mesas redondas “Educação, Cultura e Ética – O que fazer?”; “Imprensa, Literatura e Cultura” e “O que estamos fazendo? Novos leitores e a identidade cultural”.

No dia 28 de abril, foi a vez de a cidade de Cambuci, no Noroeste do Estado, receber a caravana de escritores, recepcionada pelo presidente da Academia de Letras e Artes de Cambuci, Almir Pinto de Azevedo. Na ocasião, quando se comemorou o Dia Mundial da Educação, foi aprovada a proposta de criação dos núcleos regionais da Falerj, a fim de fortalecer e integrar conjuntos de academias em cidades próximas.

Por fim, no dia 9 de junho, por ocasião da última jornada encabeçada pelo grupo, novamente na Região Serrana, foi lançada



Acadêmicos em Cambuci

a “Carta de Petrópolis” com um conjunto de reivindicações, demandas e sugestões das academias de letras, encaminhadas aos representantes dos poderes legislativo e executivo do estado e dos municípios fluminenses. O evento de Petrópolis teve como anfitriã a Academia Petropolitana de Letras, presidida por Gerson Valle, com o apoio do presidente da Academia Petropolitana de Educação, Atualpa Filho, além de outras importantes instituições, como a Academia Brasileira de Poesia e Casa Raul de Leoni, o Instituto Histórico de Petrópolis, o Rotary Teresópolis e a Academia Ambientalista de Letras.



Em reforma que durou quatro anos, Sala Cecília Meireles teve espaço duplicado

AS DIVERSAS FACETAS DA CECÍLIA MEIRELES

*Variedade cultural
marca nova fase da
melhor sala de concertos
do Brasil*

TALITA JEOLÁS

O prédio da Sala Cecília Meireles nasceu no Armazém do Romão, virou o Grande Hotel da Lapa e mudou novamente para se tornar o Cinema Colonial. Em 1964, outros ventos sopraram alterando o rumo da história do edifício, fechado, na época, há três anos. Então governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda decidiu por desapropriar o tradicional imóvel, em busca de um espaço para apresentações de música de câmara, já que o Theatro Municipal não era adequado. A poetisa Cecília Meireles tinha morrido em novembro daquele ano. Amiga de Lacerda, uma homenagem do político não seria surpresa, e a Sala de Concertos Cecília Meireles nasceria ali, para ser inaugurada no dia 1º de dezembro de 1965.

Às vésperas de completar 50 anos, o edifício passou por uma grande transformação. Foram quatro anos e meio de marteladas, bate-estaca, furadeiras e cortes de madeira. Em 11 de dezembro de 2014, um concerto de voz e piano trouxe de volta os sons originais de um espaço que segue seu compromisso de tocar a alma dos amantes de música e levar felicidade para os ouvidos de quem o visita. “A sala é absolutamente dotada para receber

diversas manifestações culturais, possui a acústica mais perfeita da América do Sul. Não é de se espantar que seja tão idolatrada por artistas nacionais e internacionais”, comenta Miguel Proença, atual diretor da Sala de Concertos Cecília Meireles.

Na Lapa, coração do Centro do Rio de Janeiro, a Cecília Meireles se tornou um importante espaço de difusão da música de concerto. “Há muito festejo quando alguém que não conhece vem pela primeira vez. Todos ficam maravilhados com a acústica, porque é uma coisa que valoriza as intenções do artista. Ninguém precisa ser um supermúsico para mostrar suas qualidades. A sala sozinha permite que o artista toque como se estivesse em casa, e a comodidade é transmitida ao público”, explica Miguel que, além de diretor, ostenta a carreira de pianista há 56 anos.

O violoncelista britânico David Chew, que se apresenta na Cecília Meireles desde 1981, comemorou seus 50 anos de carreira e 65 de idade com um espetáculo realizado em 18 de maio deste ano, claro, no palco que vem fazendo parte da sua vida há tanto tempo. “Além de me sentir confortável no local, sinto uma energia muito positiva do público que



Série 'Sala de Música' que apresentou obras de Bach em março desse ano

me assiste. A Sala Cecília Meireles é como uma família. Cada vez que toco lá me sinto mais seguro. O som do cello fica mais bonito, enche bem o espaço, é ideal para gravações. Vários CDs meus foram gravados lá. É certamente o melhor palco do Rio de Janeiro para música de câmara”, relata Chew.

“A Sala Cecília Meireles é muito importante na minha vida de programador cultural. Com ela, pude formar plateias e inserir público de menor acesso ao mundo da música. Isso sempre foi uma preocupação para mim”, diz Miguel Proença.

Ciente da escassez de recursos para a cultura, o pianista sempre buscou soluções nas possibilidades que o Brasil lhe oferecia, descobrindo, assim, novos talentos a serem abrigados pelo seu templo da música. “É o mesmo foco que tenho hoje em dia. Minha meta segue sendo formar plateias, valorizar a música brasileira, compositores, receber artistas diversos de braços abertos. Voltei faz um ano e entrei com o pé direito. O concerto do Atalla Ayan, já considerado o melhor tenor do Brasil. Foi a primeira apresentação após eu assumir, e ele fez questão de dedicar a mim”, conta.

A partir de Atalla, a Sala Cecília Meireles abriu suas portas para a pluralidade musical. A Série Lírica rendeu ao espaço o prêmio de melhor sala de concertos do Brasil. Muitos artistas brasileiros bem-sucedidos no exterior foram convidados para apresentações; músicos aposentados ganharam a chance de retornar aos palcos, e espetáculos voltados para o público infantil, incluindo presença teatral, também foram implantados na sala. “Os artistas que há muito tempo não estavam em atividade atraíram um público predominantemente da terceira idade. O



O violoncelista britânico David Chew comemorou seus 50 anos de carreira na sala

Ciclo Brahms explora o piano para todas as idades; temos o Estrelas do Amanhã, que une prodígios de 11 ou 12 anos, tocando com orquestras ou realizando uma pocket ópera. A programação é bem plural”, relata o diretor.

A renovação do público e do conteúdo dos concertos rende, com frequência, muitos elogios a Miguel Proença, que não cansa de ter ideias para alcançar cada vez mais plateias com a música de câmara. “Gostaria de ter uma sala itinerante, queria que um conjunto de música de câmara tocasse no interior. Às vezes me canso de ter tantas ideias, sabia? Invento cada coisa e busco colocar tudo em prática. Vou fazer uma maratona pianística que vai começar às 18h e só vai acabar só 6h”, se diverte o diretor, ao falar dos planos para o local.

Empolgado com os projetos, Miguel Proença destaca o quanto se sente privilegiado por ter ocupado o cargo no passado e, hoje,

estar nesse mesmo lugar em um espaço totalmente renovado e modernizado. “Fiz parte de duas épocas diferentes da história da Cecília Meireles. Gosto muito de estar aqui, gostava até quando tinha goteiras e eu ficava com medo do teto cair em cima do público. A reforma deu nova vida à sala, que tantas outras vezes já tinha se reinventado”, elogia ele, feliz com a bela estrutura atual, mas nostálgico quanto a um pequeno detalhe perdido no local de saída do público. Um poema. “De onde vinha aquela música? / E era uma nuvem repleta, / entre as estrelas e o vento” (Cecília Meireles).

SERVIÇO

Endereço: Rua da Lapa, 47 - Lapa,
Rio de Janeiro - RJ, 20021-180
Site: www.salaceciliameireles.rj.gov.br/
Telefone: (21) 2332-9223



A CULPA É MESMO DAS ESTRELAS?

Instrumento que permite observar relações entre planetas no céu e acontecimentos na Terra, a astrologia divide opiniões enquanto sua popularidade cresce

TALITA JEOLÁS

Nome. Idade. Mapa astral. Não necessariamente nessa ordem. Utilizar os astros para conhecer pessoas tornou-se, para muitos, uma facilidade e até mesmo um hábito. “Você tem Sol em que signo? E a Lua?”, são perguntas comuns que vêm acompanhadas de reações positivas ou negativas. Dos doze signos que compõem o zodíaco, alguns são amados, outros desprezados, uns taxados como injustiçados e há os que dividem opiniões. A complexidade do que efetivamente é a astrologia, do que representa e de como

influencia a vida humana vai muito além das características estereotipadas de signos. Uma história que se iniciou na Suméria mais de seis mil anos a.C., acumulou estudos, crenças, contradições e uma questão que perdura até hoje: é ciência ou não?

O sucesso da astrologia tem raízes profundas nas origens do conhecimento humano e, durante muito tempo, seu estudo era indissociável ao da Astronomia. Hoje, ratificada como ciência, esta última não concebe a ideia de que os planetas possam ter qualquer relação com a

vida na Terra. Contudo, no Ocidente, estima-se que uma em cada quatro pessoas acredite no poder dos astros.

“A astrologia ensina como você funciona em relação à vida no planeta Terra”, é como resume o astrólogo Carlos Arthur. Há 17 anos na profissão, ele afirma que a astrologia ganhou o posto de ciência subjetiva que ensina a harmonia e simetria do universo, provando que cada pessoa é parte de um todo. “Nós interagimos com o cosmo e, ao contrário do que muitos pensam, astrologia não é um oráculo adivinhatório.

Astrólogo não lê futuro, se disser que lê, pode ter certeza de que é pirata”, explica.

Mesmo sendo um assunto estudado e discutido há milênios, é visível como o interesse sobre a astrologia e suas influências aumentou nos últimos anos. De acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Nacional de Ciência dos EUA, metade dos americanos afirmou acreditar que astrologia possui base científica. Entre jovens de 18 a 24 anos, 58% enxergam influência dos corpos celestiais no comportamento humano. “Eu acho que essa maior atração tem a ver com a busca por adivinhação, o que foge totalmente do que a astrologia se propõe a tratar”, opina Carlos Arthur.

Para logo afastar esse tipo de senso comum envolvendo o tema, o astrólogo esclarece que o objetivo é o autoconhecimento. “Quanto mais uma pessoa se conhece, menos à mercê do destino ela fica. O que fazemos, ao ler o mapa astral de alguém, é traçar o perfil e apontar potenciais básicos. Antecipar está no campo do planejamento, já adivinhar é magia. Não há como prever futuro segundo a astrologia, mas é possível descobrir capacidades proativas”, explica.

Quando uma pessoa nasce, a posição dos astros celestes define como será seu mapa astral, que é como uma fotografia

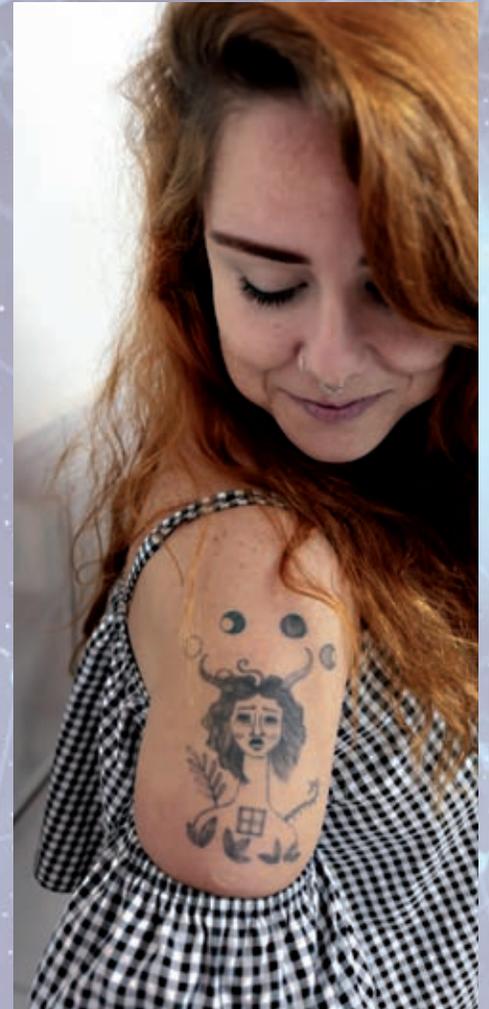
do céu no momento e define a identidade cósmica do indivíduo. “O mapa torna-se um selo, mas, como todas as outras coisas, há progressão durante a vida”, comenta Carlos.

As mudanças das posições planetárias podem dizer se uma pessoa passará por momentos mais sensíveis, de grande determinação, confusão ou até se ela tem potencial para trabalhar em uma determinada área de atuação. A jornalista Patrícia Royo, de 30 anos, costuma consultar astrólogos uma vez por ano, e viu a astrologia indicar resposta para uma situação delicada, em 2017.

“Em meados de outubro, comecei a passar por uma situação complicada envolvendo minha saúde, e nenhum médico conseguiu descobrir o que eu tinha. Fiquei muito preocupada e sem saber o que fazer. Em fevereiro daquele mesmo ano, tinha ido ao astrólogo e sempre costumo gravar as consultas. Por acaso, peguei essa gravação e, logo nos primeiros minutos, ouvi que, a partir de outubro, eu teria um problema de saúde que ninguém saberia diagnosticar”, lembra a jornalista. Na gravação, o astrólogo ainda indicava que o mistério só seria desvendado quando verificassem o pulso de Patrícia. “Foi então que decidi ir ao acupunturista, que logo apontou um desequilíbrio nas minhas glândulas suprarrenais”.

Apesar desse episódio, Patrícia afirma que

“Quanto mais uma pessoa se conhece, menos à mercê do destino ela fica”



Mariah Araújo mostra a tatuagem que fez em homenagem ao signo de Touro



O astrólogo Carlos Arthur no escritório onde atende seus clientes: ‘astrologia não é adivinhação’

não deixa a astrologia ter grande influência em sua vida. “O maior desafio é não permitir que vire uma verdade absoluta. Para mim, a astrologia é interpretativa. Minha vida depende das minhas próprias escolhas. Muitas pessoas querem encontrar respostas nos astros buscando um tipo de conforto, mas não acredito nisso”, explica a jornalista, que tem seu signo solar em Sagitário.

Além do falso cunho adivinhatório, outro fator que incomoda o astrólogo são os horóscopos apresentados pelos veículos de comunicação. “É uma piada, sendo muito honesto. Se você decidir ler o horóscopo do dia em dez jornais, serão dez textos totalmente diferentes com previsões rasas e universais”, relata.

Dentro das vertentes estudadas pela astrologia, a mais popular delas é, certamente, o mapa astral e como ele influencia na personalidade. “A divisão matemática imaginária do sistema solar em doze partes criou os signos. Cada setor torna-se uma tendência da vida e, dependendo da configuração planetária do momento do nascimento, a pessoa apresenta características diferentes”, explica Carlos.

Os três pontos proeminentes de um mapa são o Sol, a Lua e o Ascendente. Se o Sol representa o que uma pessoa é na sua essência, o Ascendente define o jeito de ser. A Lua tende para um lado mais sentimental, sendo a forma como o indivíduo se coloca emocionalmente perante a vida. “Há uma predisposição das pessoas

“O maior desafio é não permitir que a astrologia vire uma verdade absoluta”



Patrícia analisa seu mapa astral esférico

a dizerem que alguém ostenta determinada característica por causa do signo solar. Falam, por exemplo, que todo geminiano é duas caras, que todo pisciano vive no mundo da lua. O Sol representa só um ponto no mapa astral, mesmo sendo um dos mais importantes”, explicita o astrólogo.

Taurina com muito orgulho, a jornalista Mariah Araújo teve, durante a infância, vários livros sobre seu signo, colecionava quartzos rosa, a pedra que representa Touro, já saiu fantasiada com o símbolo e hoje, com 32 anos, tem uma tatuagem no braço em homenagem. Para ela, é muito difícil não julgar alguém inicialmente por causa do signo. “Não é que eu vá deixar de ter contato com uma pessoa por isso, mas tem gente que já dá para ver que vai ser difícil conviver só de olhar o mapa astral”, comenta.

Com a febre em que a astrologia se tornou, a repetição de alguns equívocos é tanta que acabam sendo tomados como certezas. “Além do horóscopo de jornal e da rotulação excessiva, tem muita invenção por aí que é tida como verdade absoluta. Inferno astral, por exemplo, não existe! Quando falam que depois de certa idade o signo solar vira o ascendente, também não é real. O mapa está sempre em progressão, mas isso não muda o setor em que o Sol transitava na hora do nascimento”, explica o astrólogo.

Para tirar a credibilidade da astrologia, uma questão sempre é muito apontada pelos

mais céticos: “se irmãos gêmeos nascem praticamente ao mesmo tempo, como podem ter personalidades tão diferentes?”. Carlos Arthur explica. “As pessoas reagem à vida de formas diferentes, embora o Ascendente seja o mesmo, o livre-arbítrio leva cada indivíduo para seu próprio caminho”.

Ponto nunca influenciável pela disposição dos astros no céu, a liberdade da pessoa tomar suas próprias decisões é o que, no fim, define quem ela é. “A vida é feita de causas e efeitos. As pessoas precisam entender que o universo não dá castigo e nem prêmio, tudo é consequência. Por isso, o propósito da astrologia é sempre o autoconhecimento”, enfatiza Carlos Arthur.

Sendo uma ferramenta de melhor compreensão, a astrologia amplia a consciência do indivíduo para que ele possa avaliar o que quer fazer. Assim, é possível dizer que a prática pode ajudar a colocar uma vida nos eixos e, independentemente dos planetas exercerem ou não influência sobre a humanidade, a astrologia ajuda as pessoas a viverem suas vidas. E isso não há ciência ou crença que possa negar.





PELOS ANIMAIS E PELO PLANETA

*Grande tendência mundial, o
veganismo tem ganhado cada vez
mais adeptos brasileiros*

HELEN LUGARINHO

O relógio marca 12h30 quando um pequeno restaurante no Centro do Rio começa a encher: pessoas entram, se servem no balcão de *self-service*, almoçam, pagam a conta e saem. Compondo o cardápio do dia, lasanha, almôndegas, quibe assado, moqueca e, também, os tradicionais arroz e feijão deixam aquele cheirinho de comida caseira no ar. A cena é comum, vista diariamente nos restaurantes por aí, mas com uma exceção: todos os pratos oferecidos por esse estabelecimento são livres de exploração animal.

Criado em 2013 por Michel Mekler sob o slogan “comida com sabor e sem dor”, o Dona Vegana tem como missão desmitificar o veganismo e mostrar que é possível preparar boas refeições sem utilizar nenhum ingrediente de origem animal e sem pesar no bolso dos fregueses. “As pessoas têm a impressão de que ser vegano é algo caro e inacessível. A ideia do restaurante ser simples é justamente para acabar com essa visão deturpada”, frisa Michel.

Além de servir almoço, o Dona Vegana

vende produtos industrializados, como salsichas e linguças de soja, e, também, salgados, sanduíches, doces e tortas de produção própria, que fazem grande sucesso. Lá, os conhecidos “kits festa” ganham novas receitas e satisfazem o paladar de pessoas vegetarianas e veganas. “Nós usamos muito biomassa de banana, leite de coco e caldo de laranja para fazer nossos pratos. No caso do brigadeiro, temos usado uma base de aipim. Não existe regra, o importante é pesquisar e ir testando”, aconselha o empresário. Ele ainda garante que as substituições não comprometem a versão original dos alimentos.

Embora sejam parecidos por excluírem a carne da dieta, os termos vegetariano e vegano se diferem na prática. O primeiro conceito se divide ainda em outros três: ovolactovegetarianos são pessoas que consomem derivados de animais em geral (ovos, leite e mel); lactovegetarianos, aqueles que consomem apenas leite e seus procedentes, e vegetarianos estritos, que não consomem

nenhum tipo de carne ou nada de origem animal. Mas quando entramos no assunto do veganismo, a expressão traduz uma filosofia de vida: além da alimentação, os adeptos excluem produtos que carregam a exploração animal em sua composição, como itens de vestuário, cosméticos e produtos de limpeza que realizam testes.

Um levantamento feito pelo documentário *Cowspiracy* aponta que se o mundo adotasse um regime vegano seriam poupados diariamente quatro mil litros de água; 20 quilos de grãos; três metros quadrados de áreas florestais; 4,5 quilos de gás carbônico e, de quebra, a vida de animais. Ou seja, a sustentabilidade do planeta dependeria da diminuição do consumo de carne. No Brasil, existe uma iniciativa que tenta reduzir a ingestão: a Segunda sem Carne. A proposta surgiu nos Estados Unidos, em 2003, e chegou ao território brasileiro em 2009. Mas só há dois anos que a sugestão ganhou mais visibilidade, quando foi implementada nas escolas da rede estadual de São Paulo. Apenas em 2017, o estado poupou cerca de duas mil toneladas de carne.

Ainda que esses estudos mostrem o benefício para o planeta, nutricionistas alertam para os riscos que a dieta sem carne pode trazer. A vitamina B12 é encontrada exclusivamente na proteína animal e sua carência pode causar anemia, atrofia muscular, baixa imunidade e até sérios danos neurológicos. Por isso, ao fazer a transição alimentar, é aconselhado ter uma supervisão nutricional.

Leonardo Reis, de 25 anos, parou de comer carne há sete e conta que a mudança aconteceu motivado pela questão animal. “Tinha muita vontade de me tornar vegano, pois não entendia o porquê de amarmos uns animais e nos alimentarmos de outros. Já tinha tentado algumas vezes gradualmente, mas não conseguia. Então, mudei radicalmente, da noite para o dia mesmo”, lembra o técnico em meteorologia. Entretanto, a dificuldade encontrada por ele não foi a falta dos alimentos, mas sim a perda de peso. “Sempre fui muito magro e ainda perdi



Para Michel, a missão do seu restaurante é preparar boas refeições

seis quilos, mas isso aconteceu porque eu não tinha nenhum acompanhamento e a mudança de dieta foi abrupta. Hoje, tenho orientação nutricional e já fiz a suplementação vitamínica, que vale por cinco anos”, completa.

Segundo a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), existem no Brasil cerca de 240 restaurantes vegetarianos e veganos que, somados ao crescente número de estabelecimentos onívoros que oferecem opções de refeições sem origem animal, revelam uma tendência do país. A última pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (Ibope), em 2012, indica que 8% da população se declara vegetariana, correspondendo a 16 milhões de cidadãos; deste número, estima-se que cinco milhões são veganos. Dados mais recentes, captados pela SVB através da plataforma *Google Trends*, mostram que a busca pelo termo “vegano” aumentou quase 1000% na internet entre janeiro de 2012 e julho de 2016, comprovando, assim, o crescente interesse da população brasileira pela prática.

Mesmo que o número de estabelecimentos tenha expandido ao longo dos anos, ainda existe uma deficiência que não supre o mercado. Por isso, cada vez mais pessoas começaram a comercializar refeições e quitutes



O Dona Vegana oferece *buffet* de almoço das 11h às 16h, com as mais variadas opções





Bolinho de feijoada vegano recheado com couve e cogumelo defumado

veganos de forma autônoma. É o caso da microempresária Marina Silva, de 22 anos. A mestrandanda em Comunicação é ovoláctea desde os 15 anos e fez a transição alimentar durante um ano até chegar a sua dieta atual. Entretanto, a real transformação na sua vida aconteceu em 2015, quando abriu a seu próprio empreendimento.

“Sou de São Paulo e me mudei para Niterói para fazer faculdade. No segundo ano da graduação, a universidade entrou em greve e estava com dificuldades para me manter aqui. Como minha família é de cozinheiros e eu já tinha uma base de receitas vegetariananas, trabalhar com isso foi minha melhor opção”, lembra Marina. Em um primeiro momento, a cozinheira vendia doces ovolácteos, mas algumas pessoas começaram a sugerir que ela fizesse doces sem nada de origem animal também. A partir daí, ela começou a estudar e adaptar suas receitas, e assim nasceu a *Black Veggie*, microempresa estritamente vegana, que ela toca com apoio do namorado Fábio Santana.

Atualmente, a *Black Veggie* opera em três maneiras: encomendas, eventos e *personal chef*, sendo este um serviço exclusivo, onde ela prepara quentinhas personalizadas para um cliente específico. No cardápio estão disponíveis sanduíches, bolinhos, canapés, pães e bolos,

mas os verdadeiros destaques são as samosas, espécie de pastelzinho indiano recheado de legumes; esfirras de berinjela e escarola e um delicioso bolo caseiro de chocolate.

Para desenvolver as receitas, sua principal inspiração profissional vem do chef carioca Ruan Félix, grande ativista vegano. “Eu concordo muito quando ele diz que não precisamos pensar em releituras da cozinha tradicional, mas sim inventar receitas que são gostosas, já que o mundo vegetal é muito vasto e saboroso também. Eu amo trabalhar com esses produtos, acho sensacional a possibilidade de criar coisas novas”, explica.

A agente de polícia federal Daniela de Almeida, 42 anos, não consome nada de origem animal desde 2014 e afirma que não sente grandes diferenças entre as duas gastronomias tanto no sabor quanto no bolso. “A minha comida desde sempre foi muito básica, muito caseira e rica em legumes, por isso a transição foi fácil”, conta. “Na verdade, o que realmente senti grande diferença, no começo, foi do chocolate ao leite, que eu era viciada. Mas hoje fico bastante satisfeita com as opções disponíveis no mercado. Mesmo se sentisse muita falta, não voltaria a comer porque me tornar vegana foi a melhor decisão da minha vida. Poder se alimentar e não ter a consciência pesada por estar prejudicando o ambiente ou algum animal não tem preço”, finaliza Daniela.



Foto: Rosan Franco (Divulgação)

O pastelzinho indiano, conhecido como samosa, tem recheio de legumes e é um dos mais pedidos na *Black Veggie*

SERVIÇO

Restaurante Dona Vegana
Endereço: Av. Mal. Floriano, 13 –
Centro, Rio de Janeiro – RJ
Telefones: 2283.2012/ 2223.0303
Site: www.donavegana.com.br
Facebook: www.facebook.com/Dona-Vegana

Black Veggie
Telefone: (21) 97983-7970
E-mail: vegieblack@gmail.com
Facebook: www.facebook.com/blackvegie
Instagram: @black.vegie

GERAÇÃO 4.0

ARNALDO NISKIER

Da Academia Brasileira de Letras, doutor honoris causa da Unirio e presidente do Ciec/RJ

Nos países desenvolvidos fala-se hoje em Quarta Revolução Industrial (4.0). São novas tecnologias que integrarão os domínios físicos, digitais e biológicos, o que naturalmente irá modificar o panorama das escolas em todos os graus. O que vai acontecer na escola de 2019 só Deus sabe...

Conversei com a minha neta Paula Flanzer, que acaba de regressar de uma temporada de seis meses de estudos na Austrália. Voltou empolgada e fez um registro: lá eles se preocupam com a internet das coisas, bigdata, hologramas, impressão 3D etc. Mas dão também um extraordinário valor à remuneração dos professores. Aqui algumas escolas de vanguarda mandam comprar esses equipamentos, mas em geral descaram do pagamento dos mestres, o que naturalmente é essencial para que eles trabalhem em paz e com entusiasmo.

O resultado dessa política equivocada é que estamos vivendo uma crise sem fim na educação. Não apenas no ensino fundamental, onde conseguimos o milagre da universalização, mas pecamos na qualidade do ensino, e também nos demais graus, como acontece de forma escandalosa no ensino médio. A prova disso é que, nos exames internacionais do Pisa, ficamos nos últimos lugares, inclusive na matemática, onde o Brasil tem condições de se ombrear com as nações mais desenvolvidas do mundo. Por que tudo isso?

Temos dois milhões de jovens dos 15 aos 17 anos compondo a trágica geração “nem-nem” (nem estudam, nem trabalham). Será que a esperada reforma do ensino médio corrigirá essa vergonha? Fica evidente que não dispomos de um projeto vigoroso de aperfeiçoamento da formação do magistério. Sem bons professores não se vai chegar a lugar nenhum – e isso depende de salários compatíveis. Não sentimos nenhum movimento adequado de correção de rumos.

A reforma do ensino médio foi aprovada no ano passado no Congresso Nacional. E a Base Curricular Nacional do Ensino Médio parece ter empacado no Conselho Nacional de Educação. Tudo é difícil quando se trata de dar agilidade às providências necessárias.

Enquanto declina a oferta de tempo integral em nossas escolas, também não se sente um movimento revolucionário para corrigir a reconhecida falta de laboratórios de ciências. Cerca de 55% das escolas não dispõem desse recurso, o que mostra o relevo dessa carência.

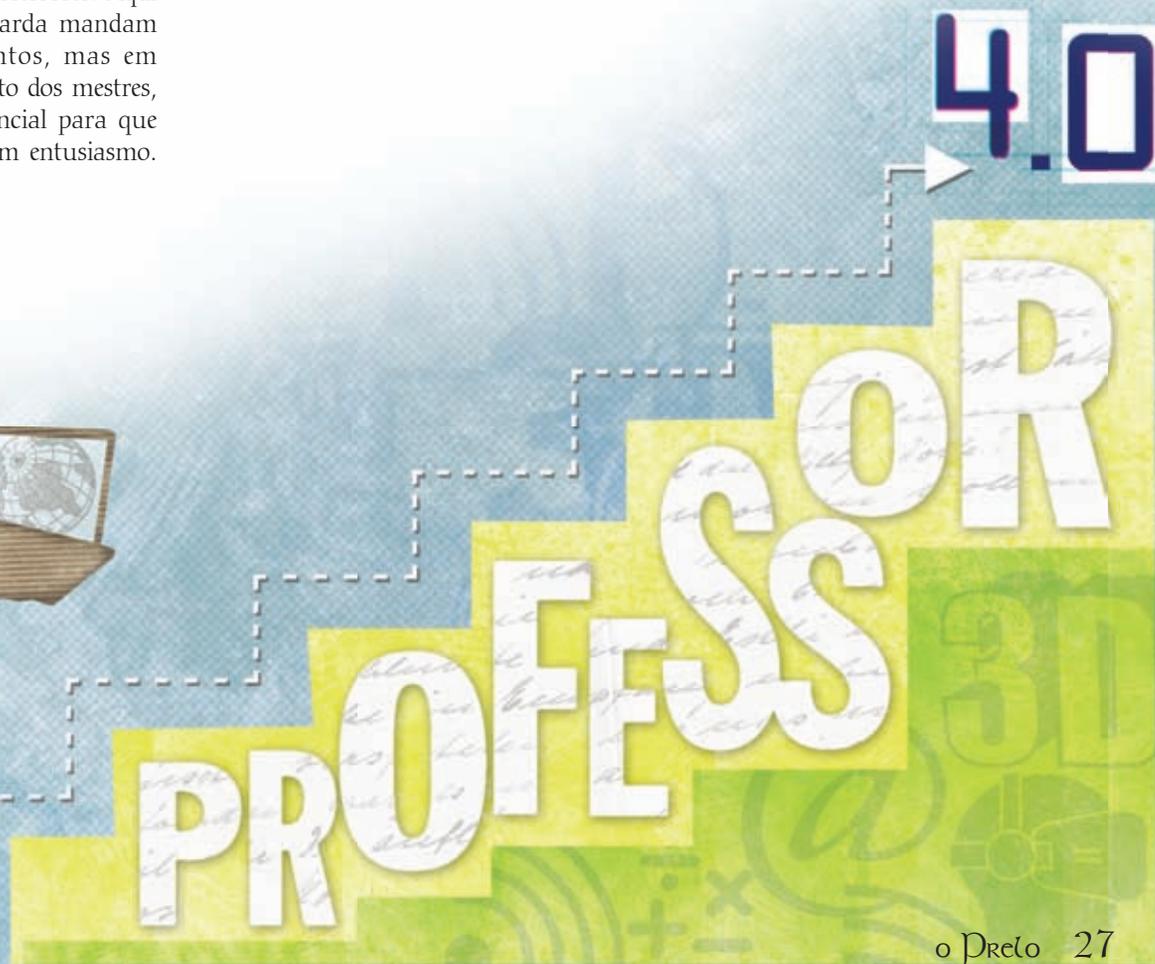
Temos 40 mil escolas públicas no Brasil, com as deficiências conhecidas. Cerca de 20% não dispõem de internet banda larga e, segundo o Censo Escolar 2017, 10% não têm abastecimento regular de água. Como sobreviver dessa forma? Pode-se pensar nas consequências negativas desse fato.

É claro que tentar equacionar a educação profissional diante desse panorama é quase um exercício improvável, num sistema com tamanhas carências.

O Brasil precisa, urgentemente, de um plano estratégico de educação, onde prevaleça, primordialmente, a valorização do professor, melhor gestão das escolas e o investimento na primeira infância. Os jovens que almejam a carreira de professor tiram nota abaixo da média do Pisa. É primordial atrair melhores profissionais para o magistério. Em Cingapura, Finlândia e Japão, onde o prestígio da carreira é grande, o desempenho dos alunos é elevado.

O relatório aponta caminhos para a virada. Um deles, certamente entre os mais emergenciais, é investir na criança desde o início da vida, fase em que o cérebro está em frenética atividade, formando as bases para o futuro. Vizinho do Brasil, o Chile tem um bom exemplo: há uma década estabeleceu-se um programa que acompanha a criança do útero aos nove anos, do pré-natal da mãe à saúde e à vida escolar da criança. Não podemos esperar 260 anos.

Ilustração: Eduardo Amador





O francês Dioud atualmente trabalha em equipes brasileiras de esporte eletrônico

MUITO ALÉM DE UMA SIMPLES BRINCADEIRA

De passatempo ao mercado de trabalho: jogar videogames se torna fonte de renda e traz ascensão profissional a cyber atletas

DANIEL ALMEIDA

Concentração, treino, muito esforço e aconselhamento de um técnico. Olhando por esse lado até parece uma partida física, mas a deles é no computador. Os games fazem parte da infância de milhares de pessoas em todo o mundo, só que a brincadeira tem ficado séria. Trata-se do segmento de “esportes eletrônicos”, ou *e-sports*, área que tem dado destaque aos jogadores profissionais de videogame.

Os salários deles podem chegar a R\$ 30 mil mensais, mas, de acordo com dados recentes do *ranking* mundial, o e-atleta mais bem pago no momento ganhou 3,7 milhões de dólares em competições, e isso só em 2018. Segundo levantamento realizado pelo site do

SporTV, o Brasil conta com 125 *cyber* atletas profissionalizados, que se dividem em 20 organizações distintas. Conhecido como “FalleN” no *Counter-Strike* (CS), Gabriel Toledo é o brasileiro com melhor colocação na lista dos cem competidores de destaque. Ele ocupa a 69ª posição, tendo embolsado 781 mil dólares em 2018.

Embora ostente cifras de encher os olhos, a profissão ainda encontra resistência nas famílias. É o caso do francês Hugo Padioleau, de 27 anos, que joga *League of Legends* (LoL) profissionalmente desde 2012, e é membro da *paiN Gaming*, uma das equipes brasileiras de LoL. “Dioud”, seu nome no *game*, lembra que o primeiro embate a ser vencido foi dentro de casa.

“O maior dos desafios foi provar aos meus pais que era possível ganhar dinheiro com videogames de forma profissional. Demorei bastante tempo antes de receber meu primeiro salário, mas, quando ele chegou, vi que valia a pena. A família cobra muito, mas também pode te ajudar se estiver ao seu lado. Esse foi meu primeiro objetivo”, exclama o *gamer*, que desconversa quando perguntado sobre rendimentos.

Dioud começou a jogar aos 8 anos como um *hobby*, mas, aos 16 passou a se aprofundar na área até se tornar um dos melhores da França. Em 2014, a empresa brasileira o convidou para entrar na sua equipe. “Foi minha primeira experiência no Brasil. A *paiN* é uma organização que me ajudou muito. Me senti muito confortável em trabalhar em um time que está sempre tentando expandir e trazer estrangeiros. Hoje em dia não me vejo fora do país. Não é só sobre trabalho. Fiz amigos que não quero perder”, agradece Hugo.

Entre as principais competições de LoL estão o Campeonato Brasileiro de *League of Legends* (CBLoL) e o mundial *League of Legends World Championship*. Este último é organizado pela empresa norte-americana *Riot Games*, produtora do esporte eletrônico. As equipes participantes são sempre compostas por até seis membros, incluindo o técnico. O objetivo dos competidores é alcançar o título de campeão mundial, que vem acompanhado da Taça do Invocador e de um prêmio que gira em torno de um milhão de dólares. O interesse dos fãs do *e-sport* é tão grande que emissoras da TV a cabo de todo o mundo transmitem o evento.

“Cada competição tem um modo de preparo diferente. Geralmente você estuda bastante os times contra quem



Além de participar de campeonatos, Paulo Júnior oferece consultoria em *games* de luta

vai jogar e cria uma estratégia. Pode parecer simples, mas é um processo que demora mais de um mês se você quiser estar bem preparado”, destaca Dioud.

Por falar em competição e tática de jogo, os jogadores profissionais acabam entrando em outro mercado: o de *coach*. Vencedor de campeonatos nacionais em jogos de luta, o jornalista Paulo Júnior, de 29 anos, também trabalha dando consultoria a quem está começando na carreira.

“As sessões variam entre uma e duas horas. Usamos o jogo aberto e conversamos por chamadas de voz ou vídeo. Começo analisando *replays* de lutas anteriores do cliente para identificar pontos e falhas. Busco entender as dificuldades, a questão psicológica e o preparo antes dos jogos. São dicas e técnicas do que pode ser melhorado e de como se portar diante de uma luta.

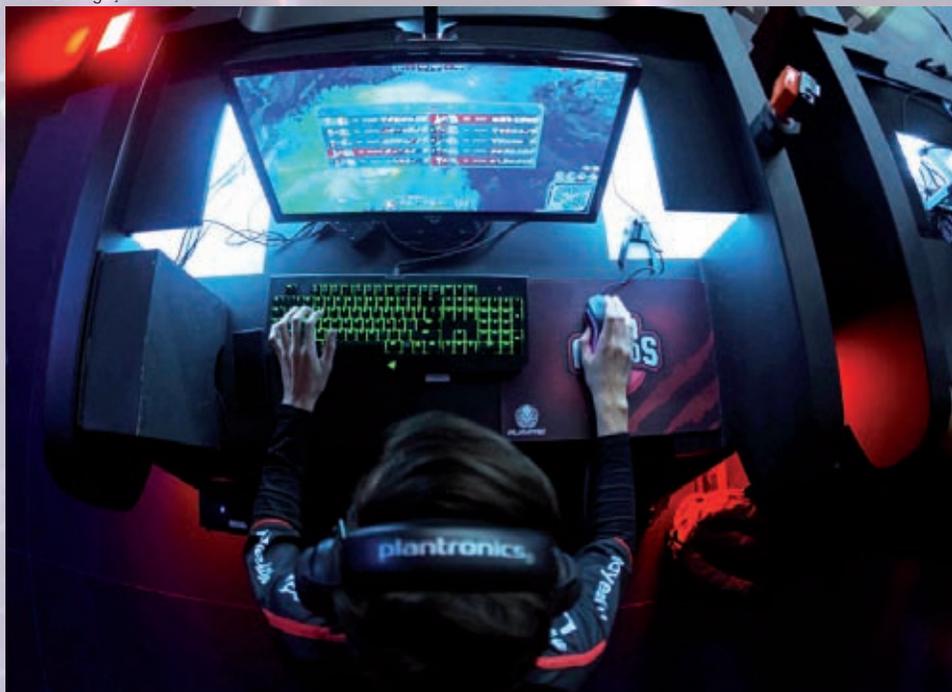
Às vezes, jogamos contra ou convido algum amigo para jogar enquanto assisto ao vivo. É um trabalho moldado para as necessidades de cada pessoa”, explica.

Recentemente, Paulo venceu duas das maiores competições de jogos de luta do país: o *Marvel x Capcom* e o *Treta Championship*, campeonato brasileiro realizado anualmente em Curitiba, que o premiou com R\$ 5 mil. “Sempre gostei de competir. Gosto muito da adrenalina. Derrotar seu oponente na tela, muitas vezes, representa superar desafios na sua vida cotidiana, e isso é muito bacana”, afirma o jornalista.

Para desfazer de uma vez a ideia de que “tudo não passa de uma brincadeira”, Paulo enfatiza o quanto é necessário dedicar tempo e desenvolver inteligência emocional. “Treinar não é só jogar, também é praticar e analisar suas próprias partidas e a de outros competidores, buscar conteúdos na internet e ver outras pessoas jogando. Durante os períodos de competição, pratico cerca de quatro horas por dia. Procuro focar também na questão mental e não deixar que a ansiedade atrapalhe minha atuação. Eu diria que 20% é habilidade e os outros 80% é a sua calma. Se estiver nervoso, tudo o que você sabe vai por água abaixo”, diz o jogador.

O jornalista, que já foi repórter do jornal O Globo e, atualmente, cursa doutorado em Linguística na Universidade Federal Fluminense (UFF), finaliza revelando a receita para superar a rejeição à profissionalização do videogame. “Você precisa se dedicar bastante para se destacar. Existe um pouco de preconceito por parte de pessoas que acham que jogo é uma coisa menor, que não dá futuro e não passa de uma brincadeira. Mas, com o tempo, você passa a não ligar porque fica certo do que quer e do que o jogo pode te trazer”.

Foto: Divulgação



Hugo Padioleau é um dos destaques no jogo *League of Legends*



UM PAÍS PARA TODOS?

Após longo período de perseguição, a luta dos nipo-brasileiros agora é outra: a busca contínua por identidade

HELEN LUGARINHO

O ano era 1908 e o local, o Porto de Santos, em São Paulo, quando o primeiro navio de imigração japonesa chegou ao Brasil. A bordo do *Kasato Maru* estavam 781 pessoas que formavam 165 famílias em busca de melhores condições de vida. No Ocidente, um país que precisava de mão de obra nas lavouras de café. No Oriente, uma nação recém-modernizada, com população maior do que era possível manter. Com o objetivo de suprir as necessidades de ambos os países, foi selado um acordo imigratório entre o Brasil e o Japão, que trouxe, até 1973, cerca de 200 mil japoneses. Neste 18 de junho, comemora-se 110 anos do projeto migratório responsável pela presença, hoje, de aproximadamente 1,5 milhão de descendentes, formando a segunda maior comunidade nipônica do mundo.

Ao chegarem aqui, os imigrantes foram encaminhados para a região Sul e para o estado de São Paulo, onde aplicaram as técnicas agrárias desenvolvidas na sua terra natal, como inovações na irrigação. Embora tenha sido assinado como um tratado de amizade, o historiador e pesquisador Mateus Nascimento explica que a vinda dos japoneses não foi bem aceita:

“Como a cultura é muito diferente e fechada, eles formaram pequenas colônias, o que não foi bem visto por algumas pessoas e políticos da época. Nesse período, sofreram bastante perseguição e eram chamados de ‘perigo amarelo’, muitas vezes sendo proibidos de falarem a própria língua em público”.

Com família materna e paterna de origem nipônica, Hugo Katsuo Othuki Okabayashi, de 18 anos, estudante de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal Fluminense, ouviu desde pequeno a história dos seus ascendentes. “Meus bisavós maternos chegaram ao Brasil no segundo navio de imigração e foram para o Sul, onde meu avô e os irmãos dele nasceram”, conta o universitário. Assim como muitas pessoas, a adaptação não foi fácil.

“O trabalho deles era análogo à escravidão e o pouco dinheiro que tinham, conseguiram juntar para fugir para o Nordeste. Anos depois, durante a Segunda Guerra Mundial, foi decidido que os japoneses que moravam aqui deveriam pagar os crimes de guerra e tiveram muitos bens apreendidos”, narra o estudante.

Após a apreensão das posses, Hugo conta que o avô e sua família tiveram que

se recolher na área rural e vender bolo para se manter. “Foi uma época difícil. Meus bisavós não gostavam daqui e pretendiam voltar para o Japão, mas não foi possível. Ao contrário dos pais, meu avô adorava o Brasil, até porque ele era brasileiro, e inclusive teve um casamento inter-racial com a minha avó, que não tinha origem nipônica”, relata.

O historiador Mateus Nascimento acredita que, apesar do povo japonês ser muito introspectivo, os descendentes adquiriram uma certa “brasilidade” no jeito de ser. “No primeiro momento, existiram os japoneses que continuaram se voltando para o Japão, mas, em contrapartida, os filhos e netos achavam que a cultura devia ser mantida aqui e já se reconheciam como pertencentes à cultura ocidental”, explica.

A família Othuki se estabeleceu no Rio de Janeiro quando Luís, o avô de Hugo, se alistou para o Exército. Ainda que nesse momento só houvesse nipo-brasileiros na família, a mãe do estudante sempre tentou fazer com que a cultura japonesa fosse presente na vida dos filhos. “Nós frequentávamos restaurantes, eventos típicos nos institutos culturais, cantávamos no karaokê e estudamos japonês desde pequenos. Minha mãe é muito envolvida com a cultura japonesa, ela faz artesanato, origami e por não ter tido contato na infância, sempre fez questão de trazer tudo isso para nossa rotina”, lembra.

Mesmo com essas práticas culturais presentes no dia a dia, o universitário acabou se afastando das origens dos antepassados. “Era um dos únicos nipo-brasileiros da escola e me sentia muito diferente. Acho que me isolar um pouco foi uma maneira de adquirir certa brasilidade”, confessa. “Mas há dois anos conheci a história do meu avô e comecei a pesquisar sobre a perseguição que não só minha família, mas que vários japoneses sofreram no Brasil. A partir disso, entrei para a militância asiática e comecei a desenvolver um documentário intitulado ‘O perigo amarelo nos dias atuais’. Pretendo lançá-lo no final desse ano”, completa.

Para ele, o sentimento do nipo-brasileiro é de um “não pertencimento”: ao mesmo tempo em que não é considerado brasileiro aqui, também não é considerado japonês no Japão. “Entrar para a militância foi importante para a construção da minha identidade. Eu sou, sim, brasileiro”, destaca Hugo. As principais pautas dos movimentos de resistência asiáticos são recuperar a história dos ancestrais que foi apagada; a solidariedade antirracista; o combate às microagressões cotidianas e, ainda, a busca de uma brasilidade. “Muitas pessoas me perguntam de onde eu vim, sendo que eu sou daqui, nasci em Niterói. A minha família já é a terceira geração de brasileiros. Então, é uma situação confusa.”

Atualmente, a perseguição contra



Paulo e Luísa Okabayashi, avós paternos de Hugo Katsuo

japoneses não é muito recorrente e, para o universitário, a situação se tornou mais branda a partir de um movimento conhecido como *soft-power*, quando um corpo político influencia o comportamento ou interesses de outros corpos de maneira sutil. “A entrada de mangás e animes, *J-rock*, pop japonês no território brasileiro na década de 90 fez com que nossa cultura se popularizasse. Agora isso tem acontecido com os coreanos, com a massificação do *K-pop*. Já com os chineses é mais complicado, porque o país é muito fechado, fazendo com que não chegue cultura chinesa de massa e eles sofram do mesmo jeito que os japoneses sofreram no passado”, esclarece.

Por mais que não ocorram tantas dificuldades, Hugo acredita que a atual questão gira em torno do silenciamento da história da imigração, pois os problemas sofridos pelos japoneses quase não são debatidas. “A destruição da nossa ancestralidade afeta até hoje nosso entendimento enquanto indivíduos. Com o documentário, eu pretendo resgatar nossas origens e cultura”, finaliza o estudante.



Luiz e Sylvia Othuki, avós maternos de Hugo Katsuo



Passaporte dos bisavós de Hugo, documento que possibilitou a entrada da Família





HISTÓRIAS ETERNIZADAS EM LIVROS

*Renomada instituição
guarda memórias
portuguesas*

Localizado no Centro do Rio, o Real Gabinete Português de Leitura tem 181 anos. A biblioteca pública inaugurada pela Princesa Isabel guarda em seu acervo 350 mil exemplares de obras raras, reunindo o maior acervo lusitano fora de Portugal, como a primeira edição de “Os Lusíadas”,

de Luís de Camões. Em 2014, ela entrou na lista das 20 bibliotecas mais bonitas do mundo. A publicação da revista “Time” citou a construção no estilo neo manuelino, com uma sala de leitura que lembra uma catedral e paredes cobertas de livros, além das esculturas de exploradores portugueses na fachada.

Real Gabinete Português de Leitura

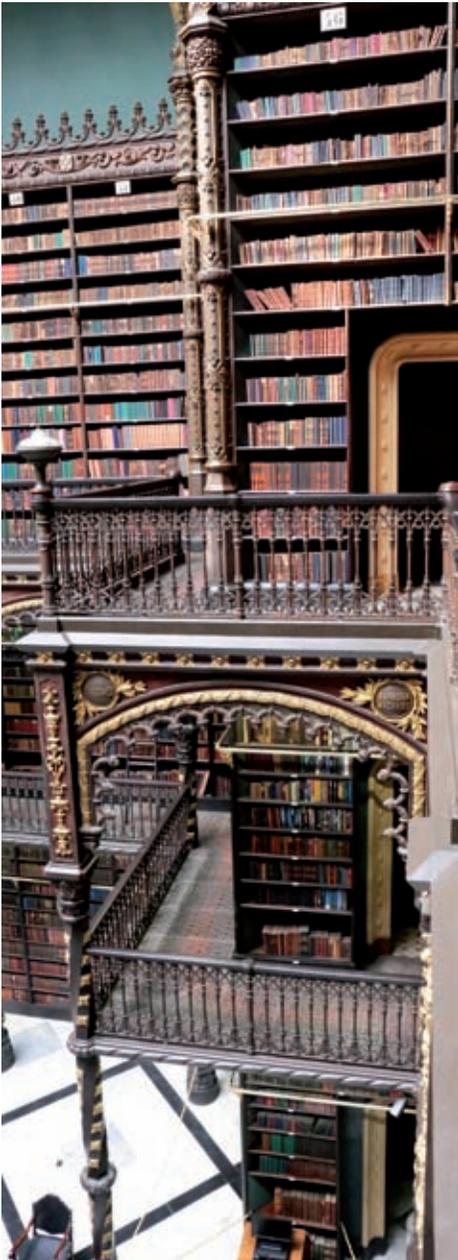
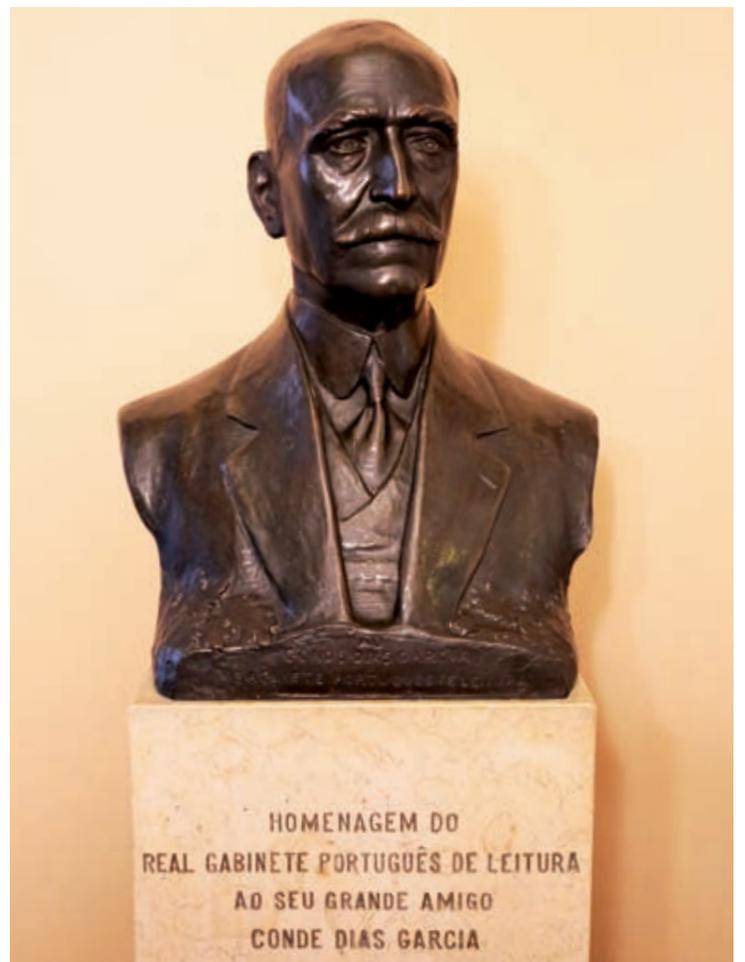
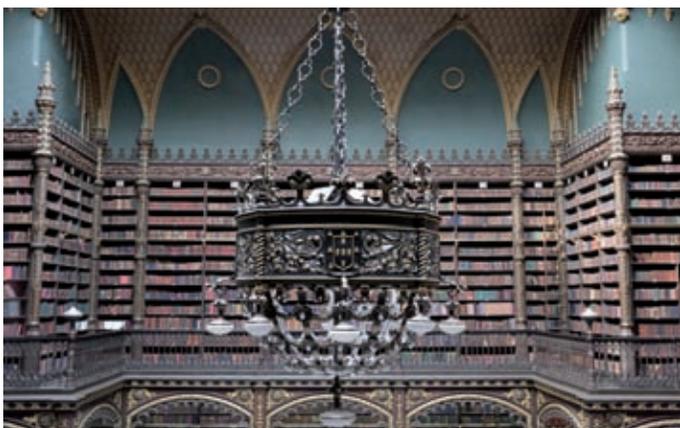


Foto: Caroline Cezário



Real Gabinete Português de Leitura

Fotos: Daniel Almeida





A IMPRENSA OFICIAL ESTÁ DE PORTAS ABERTAS PARA VOCÊ



CTP de última geração



Impressoras off-set 4 cores



Impressora Rotativa de jornais

Quer um trabalho de qualidade com excelente custo-benefício? Então você precisa conhecer a gráfica da Imprensa Oficial, uma das mais bem equipadas do Rio de Janeiro, que se destaca pela modernidade e tecnologia.

CONFIRA TODA A MODERNIDADE DO NOSSO PARQUE GRÁFICO.

- Equipamentos CTP - Computer to Plate - AGFA de última geração.
- Impressora de prova de cor Epson de alta definição.
- Impressoras, dobradeiras, alceadeiras (grampo) e coladeira (PUR) - Heidelberg.

OFERECEMOS DIVERSOS SERVIÇOS.

- Impressão digital com possibilidade de inserção de dados variáveis para personalização em folders, mala direta e crachás.
- Livros, revistas, impressos promocionais e formulários.
- Impressões de jornais a 4 cores.
- Variados tipos de acabamento.

LIGUE E SOLICITE ORÇAMENTO: 21. 2717-5825
RUA PROFESSOR HEITOR CARRILHO, 81 - NITERÓI/RJ - CEP, 24030-230
ACESSE O NOSSO SITE WWW.IOERJ.COM.BR





Livros novos a partir de

R\$ 2,00



Imprensa Oficial
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



projeto

maisleitura

Ler é o maior barato